

## Capítulo I

### O Nascimento do Príncipe e do Pobre

Na antiga cidade de Londres, em certo dia de outono do segundo quartel do século XVI, nasceu um rapaz de uma família pobre, chamada Canty, que o não desejava de maneira alguma. No mesmo dia nasceu outro inglesinho de uma família rica, chamada Tudor, que o desejava. Toda a Inglaterra o desejava. Havia muito que a pátria o esperava, ansiava por ele e rezava a Deus para que viesse ao mundo, e, agora que isso acontecera, essa gente sentia-se quase louca de alegria. Sem se conhecerem, lançavam-se nos braços uns dos outros, beijavam-se e choravam. Todos fizeram um dia de feriado e, grandes e pequenos, ricos e pobres, alegraram-se, dançaram e sentiram-se melhores... continuando a festa durante dias e noites. De dia, valia a pena ver Londres com as suas bandeirolas vistosas flutuando em todas as varandas, nos telhados de todas as casas, e os seus esplêndidos cortejos serpenteando por todas as ruas. De noite, valia também a pena vê-la com luminárias e fogueiras em todas as esquinas e alegres bandos dançando-lhes à roda. Em toda a Inglaterra não se falava senão do recém-nascido Eduardo Tudor, Príncipe de Gales, que repousava entre sedas e cetins, inconsciente de todo este burburinho e ignorando que nobres senhores e grandes damas o vigiavam e tinham tantos cuidados com ele — e sem se preocupar. Mas da outra criança, Tom Canty, em seus miseráveis farrapos, com exceção da família de pobres a quem viera incomodar com a sua presença, ninguém falava.

## Capítulo II

### A Infância de Tom

Alguns anos mais tarde.

Londres contava quinze séculos de idade e era uma grande urbe — para a época. Tinha cem mil habitantes e havia quem dissesse que tinha o dobro. As ruas eram muito estreitas, tortuosas e sujas, especialmente junto à Ponte de Londres, no bairro em que habitava Tom Canty. As casas eram de madeira, com um segundo andar sobrepujando o primeiro, e um terceiro por cima do segundo. À medida que a casa ganhava em altura, aumentava em profundidade. O esqueleto era constituído por grandes vigas dispostas em cruz, entre as quais se amontoavam sólidos materiais cobertos de gesso; as vigas eram pintadas de vermelho, azul ou preto, segundo o gosto artístico do proprietário. Isto dava às casas um aspeto muito pitoresco. As janelas eram pequenas, guarnecidas de vidrinhos em forma de diamante, e abriam-se para fora sobre dobradiças, como as portas.

A casa onde vivia o pai de Tom estava situada no fundo de um beco chamado Offal Court, junto a Pudding Lane. Era pequena, desmantelada e miserável, mas estava atafalhada de gente pobre. A tribo Canty ocupava um quarto no terceiro andar. O pai e a mãe tinham uma espécie de cama a um canto, mas para Tom, a avó e as duas irmãs, Nan e Bet, não havia lugar designado. Todo o soa-lho estava por conta deles e podiam dormir onde lhes parecesse bem. É verdade que havia à sua disposição uma ou duas mantas esfarrapadas e algumas mancheias de palha podre, mas realmente não era possível chamar camas àquilo, porque não estavam organizadas. De manhã, fazia-se um molho com tudo e, à noite, cada qual tirava dele o que julgava necessário para dormir.

Bet e Nan tinham quinze anos e eram gémeas. Possuíam bom coração, eram sujas, esfarrapadas e profundamente ignorantes. A mãe parecia-se com elas, mas o pai e a avó eram dois possessos. Bebiam até mais não poderem e, bêbedos, agrediam-se mutuamente ou agrediam as pessoas que encontravam no caminho; mas, quer estivessem bêbedos quer não, nunca deixavam de praguejar e blasfemar. John Canty roubava e a mãe mendigava. Fizeram dos filhos mendigos, mas não conseguiram transformá-los em ladrões.

Entre a gentalha medonha que habitava a casa — mas não fazendo parte dela —, vivia um bom padre velho, de quem o Rei se desembaraçara mediante uma pensão de alguns *farthings*<sup>2</sup>; este bom homem reunia frequentes vezes as crianças e, em segredo, inculcava-lhes as regras do dever. Graças ao padre Andrew, Tom aprendeu a ler e a escrever, chegando a saber um pouco de latim. As irmãs gostariam de ter feito outro tanto, mas temiam a troça das companheiras, que não admitiriam da sua parte tais pretensões.

Offal Court não passava de uma colmeia de casas como a Canty. A bebedeira, as rixas e as disputas eram de regra todas as tardes e durante quase toda a noite. Em tal lugar as cabeças partidas eram tão comuns como a fome. E, no entanto, o pequeno Tom não era infeliz. Tinha uma vida dura, mas não se apercebia disso. O seu género de existência era o de todos os rapazitos de Offal Court e, conseqüentemente, supunha-o agradável e perfeitamente regular. Quando voltava à noite com as mãos vazias já sabia que o pai começava por injuriá-lo e lhe batia, a seguir, como em massa sovada; depois, quando acabasse, a horrível avó recomençaria; e, durante a noite, a mãe esfomeada iria furtivamente até ao seu enxergão para lhe dar uma côdea, poupada para ele da sua pequena ração, apesar de muitas vezes ser apanhada em flagrante pelo marido e agredida por esta traição.

Sim, a vida de Tom Canty tinha o seu quê de bom, sobretudo no verão. Mendigava apenas tanto quanto lhe permitia a sua segurança, pois as leis contra a mendicidade eram severas e as multas consideráveis. Passava, porém, uma grande parte do tempo a ouvir as velhas histórias divertidas do padre Andrew: lendas em que se falava de gigantes e de fadas, de anões, de génios e de castelos encantados, de reis majestosos e de príncipes. Tinha a cabeça cheia destes contos maravilhosos e frequentes vezes, à noite, estendido sobre a repugnante e dura palha, derreado, esfomeado, cheio de pancada, dava rédeas à imaginação, e não levava muito tempo a esquecer os seus males e pesares, fantasiando o quadro delicioso da encantadora vida de um príncipe mimado num palácio real. Em breve só teve um desejo — e esse desejo preocupava-o dia e noite —: ver um príncipe verdadeiro com os seus próprios olhos. Falou disso a alguns dos seus camaradas de Offal Court, mas troçaram e escarneceram dele tão maldosamente que preferiu guardar o sonho apenas para si.

Lia frequentes vezes os velhos livros do padre e pedia explicações a propósito do que lia. Os sonhos e as leituras transformaram-no pouco a pouco. As personagens desses livros eram tão belas que começou a desgostar-se das suas próprias roupas esfarrapadas e da sua sujidade, desejando ser limpo e andar mais bem vestido. Naturalmente, continuava a andar pela lama e a divertir-se com ela, mas em vez de chapinhar nas margens do Tamisa apenas para se divertir, saboreava agora a possibilidade de se banhar e de se limpar.

Tom tinha sempre a certeza de encontrar alguma coisa interessante à volta da árvore de maio, em Cheapside, e nas feiras; de tempos a tempos, ele e Londres inteira tinham oportunidade de contemplar uma parada militar, quando algum ilustre acusado era conduzido à Torre por via terrestre ou marítima. Assim, em certo dia de verão, em Smithfield, viu queimar sobre o cadafalso a pobre Anne Askew e três homens e ouviu um ex-bispo fazer-lhes um sermão que para ele não tinha muito interesse. Na verdade, a vida de Tom, pensando bem, era movimentada e bastante agradável.

Pouco a pouco, as leituras de Tom e os seus sonhos de vida principesca impressionaram-no tanto que começou inconscientemente a desempenhar o papel de príncipe. As palavras tornaram-se nele singularmente cerimoniosas e os gestos cortesies despertavam a admiração e gáudio dos camaradas. Mas a influência de Tom não tardou a fazer-se sentir sobre todos os garotos do seu meio e, dentro em pouco, foi considerado por eles com uma espécie de respeitosa admiração, como um ser de essência superior. Parecia saber tanto de tudo! E podia fazer e dizer coisas tão maravilhosas! Era tão hábil e tão inteligente! Os pontos de vista de Tom e as ações de Tom foram em breve contados aos mais velhos, e estes começaram a tomar Tom Canty em consideração e a olhá-lo como a criatura mais extraordinária e mais bem dotada do mundo. Gente de idade madura apresentou-lhe as suas dificuldades e frequentes vezes se surpreendeu da sagacidade e sabedoria das suas decisões. Em resumo, tornou-se um herói para todos os que o conheciam, exceto para a família, que não via nele nada de notável.

Ao fim de certo tempo, Tom organizou em segredo uma corte real. Ele era o príncipe, os seus camaradas preferidos transformaram-se em guardas, chanceleres, estribeiros, lordes, damas de com-

panhia e na família real. Todos os dias o príncipe de fantasia era recebido com um cerimonial complicado, que Tom combinara de acordo com as suas leituras romanescas. Todos os dias os grandes negócios do reino de fantasia eram discutidos no Conselho Real e todos os dias Sua Majestade de fantasia promulgava decretos para o seu exército, para a sua armada e para os seus vice-reinos imaginários.

Depois disto, mais esfarrapado do que nunca, ia mendigar alguns tostões, comia uma côdea seca, recebia as bordoadas e as injúrias habituais, estendia-se na palha repugnante e voltava a encontrar no sonho todas as suas ilusórias grandezas.

Mas o desejo de ver, pelo menos uma vez, um príncipe verdadeiro, de carne e osso, andava-lhe sempre na cabeça, dia após dia, e semana após semana, e em breve o absorveu todos os seus desejos a tal ponto que se transformou na única paixão da sua vida.

Num dia de janeiro, enquanto pedia esmola, vagueava tristemente pelos arredores de Mincing Lane e de Little East Cheap. Andou durante horas, de pés descalços, morto de frio, mirando as montras das casas de pasto, invejando as enormes empadas de porco e outras invenções cruéis que nelas se encontravam — segundo a sua opinião, estas coisas delicadas deviam ser cozinhadas para anjos, como era demonstrado pelo seu cheiro — mas que nunca tivera oportunidade de possuir ou de provar sequer. Caía uma chuvinha fria e fina, estava um dia escuro e triste. À noite, Tom voltou para casa tão encharcado, tão esfomeado, tão cansado, que o pai e a avó foram obrigados a reparar nisso, comovendo-se... à sua maneira. Deram-lhe uma boa tarefa e mandaram-no deitar-se. Durante um tempo, a fome e a dor, acrescentadas às imprecações e batalhas que ecoavam pela casa, mantiveram-no acordado. Mas, por fim, os pensamentos levaram-no ao país maravilhoso e adormeceu em companhia de principezinhos cobertos de brocados e diamantes num palácio imenso, com servos inclinados diante deles ou correndo para executar as suas ordens. E, como sempre, sonhou que também *ele* era um príncipe.

Toda a noite viveu entre os esplendores reais. Girava entre os fidalgos e as grandes damas num rio de luz, aspirando perfumes, ouvindo uma música deliciosa e respondendo às respeitosas homenagens da multidão com um sorriso ou com um principesco movimento de cabeça.